

# DESCONSTRUÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO CURSO DE GEOLOGIA E PETRÓLEO DA UNTL

Algumas vezes, nós, docentes, ficamos tão preocupados com o guião da disciplina, com as cobranças burocráticas em torno da aprendizagem dos alunos e com o tempo de realização das atividades que acabamos orientando nosso planejamento pedagógico em direções práticas, porém menos criativas e interessantes das que gostaríamos de orientar.

O planejamento de aula, embora tenha imenso poder de transformação no agir e pensar discente, não raramente é deixado aquém da ideologia e da formação do professor, que sabe que o aprendizado eficaz passa pelo afeto, pelos sentidos, pelo respeito e pela realidade do ambiente no qual o estudante interage e em como ele interage – conforme já ensinava Paulo Freire, entre outros grandes educadores.

Em busca de planejar o conteúdo programático unido ao prazer, como professora de Língua Portuguesa no Departamento de Geologia e Petróleo, deparei-me com o tema Introdução à resenha. Estava aberta, então, uma boa oportunidade de planejamento criativo.

Primeiramente, uma resenha consiste basicamente em um gênero textual cujo objetivo é lançar um olhar crítico e reflexivo sobre os pontos observados em um texto, objeto, imagem, etc. Daí a importância de, antes de apresentar a resenha em seu conceito básico, fazer o estudante “resenhar”. Analisar e ponderar alternativas. Esse foi o primeiro desafio.

Segundo, uma vez que os elementos da resenha houvessem sido observados e praticados, a tarefa seria a de levar aquele conhecimento para dialogar com a área estudada naquele curso, no caso, Geologia e Petróleo.

Ao primeiro desafio, recorreu-se ao clássico jogo de cartas “Paciência” (ou Solitaire), em uma

versão virtual, como atividade de abertura da aula. Regras do jogo explicadas, iniciamos uma partida coletiva. À medida que jogávamos, ia perguntando-lhes se era necessário puxar nova carta; se havia algo ali capaz de ser feito; se diante da nova carta devia-se passá-la ou incluí-la ao jogo feito; se devia-se aceitar todas as cartas que podiam ser incluídas, entre outras perguntas que fizeram-lhes refletir e analisar as ferramentas existentes e as possíveis ações para alcançar o objetivo de vencer a partida.

Perdemos da primeira vez. Quase ganhamos na segunda. E na terceira, houve vitória em pouco tempo de jogo. Terminado o jogo, conversamos sobre o que fizemos para ganhar. Uma “deconstrução” das ações automáticas do jogo na qual os estudantes falaram dos passos dados: esperar, analisar, puxar novamente, investir, arriscar, ponderar, etc. Depois, analisamos a sequência desses passos. Dessa deconstrução, conseguiu-se visualizar como o pensar criticamente atua em prol de um objetivo.

Nesse momento, o conceito de resenha foi introduzido, e com ele, tudo o que poderia ser resenhado e alguns exemplos do gênero textual.

A segunda tarefa foi a de ligar a resenha à Geologia e Petróleo. O material usado foi uma arte urbana feita nas ruas de Díli, em frente à Embaixada da Austrália. A figura mostra os mesmos animais do símbolo dessa embaixada (kanguru e garça) sugando o líquido vermelho proveniente de um balde com o escrito “Timor Oil” (Petróleo de Timor).

A figura foi levada aos grupos para análise e resenha. A atividade - cujas etapas foram desde a descrição literal até a atribuição de sentidos e por fim as opiniões - resultou em resenhas que levaram em consideração as questões simbolizadas na

figura tais como: presença de australianos em relação ao petróleo de Timor, situação atual de Timor, posicionamento de Timor diante do seu petróleo e diante da presença de australianos ligados ao petróleo, o petróleo ter cor de sangue representando, possivelmente, um custo para o país, e os investimentos feitos para qualificação de mão-de-obra timorense para trabalhar nas petrolíferas de Timor-Leste.

Os resultados de uma aula sobre resenha utilizando esses recursos foram que os estudantes conseguiram atribuir sentido ao que faziam e construir uma crítica pautada no argumento e na ponderação consciente dos fatos do passado, do presente, e terem a visão das ações possíveis para a melhora.

O planejamento de aula pôde ser, assim, consoante aos ensinamentos dos grandes mestres da Educação.



Juliana Paiva Santiago

Mestre em Linguística (PQLP/CAPES)

E-mail: julisantiago.jps@gmail.com

## Ensinar em Timor-Leste: e a nossa necessidade de aprender

Ser professor/a significa ter bagagens: conhecimentos sobre conteúdos, formas de ensinar, processos de avaliação e, também, sobre as/os estudantes e suas possibilidades de aprendizagem. Em qualquer contexto, acreditamos que tais bagagens estarão à nossa disposição. Até o dia em que pousamos em Timor-Leste e nos vemos em uma sala repleta de jovens cujo idioma em comum é o tétum, mas não o único.

A razão chave da presença da cooperação brasileira em Timor-Leste é o português, língua co-oficial e de ensino do país, ao lado do tétum. Logo, nosso idioma é nossa instrumentalidade básica. Mas, em Timor, descobrimos que se nos agarramos apenas à língua teremos pouco além de olhares silenciosos em nossas aulas. Precisamos negociar com o tétum, testar compreensões e, acima de tudo, reconhecer que as/os jovens estudantes timorenses enfrentam múltiplos desafios de aprendizagem: língua, conteúdos, o próprio universo acadêmico e suas exigências, entre outros. Nosso maior trunfo pode até ser a língua. Tão importante, no entanto, é a nossa

capacidade de abrir mão dela de quando em vez, ou de circular entre ela e o tétum.

Por outro lado, tudo aquilo que acreditávamos poder ensinar pode ficar em suspenso caso nos perguntemos qual a base de saberes que nossos estudantes possuem sobre o assunto, o que de fato faz sentido no contexto de Timor e como aprendem. É uma saída pouco reflexiva supor que não aprendem o que ensinamos, da forma que ensinamos, por pouca capacidade cognitiva. Esse tipo de afirmação não se encaixa na incrível capacidade para línguas que os timorenses possuem, na riqueza de seu universo mítico e artístico, tampouco na astúcia que marcou os anos de resistência nem em todos os esforços que vêm empreendendo para reconstruir o país após anos de colonização e conflitos.

É mais difícil olhar para nós e enxergar o que em nossas bagagens não faz sentido em Timor-Leste. Uma colega brasileira fez vários esforços para constituir uma história da educação-física no país; o currículo inicial pedia que se ensinasse a história da educação física do Brasil. Outro colega,

deixou de lado nomes ocidentais para trabalhar com a ousada pedagogia maubere. Intelectuais timorenses lembram da necessidade de não se construir conhecimento em Timor sem o olhar das gentes daqui.

Na última disciplina que ensinei, Psicologia Educacional no Departamento de Desportos da UNTL, passei meio semestre esforçando-me para trabalhar conceitos relacionados a teorias da aprendizagem. No final do período, propus um trabalho de pesquisa: a investigação do processo de aprendizagem de crianças e adultos em diferentes lugares. Só nesse final, vi os olhos de alunas e alunos brilharem. Desde o princípio, deveria ter me preocupado menos com aquilo que supunha ser importante ensinar e mais em explorar possibilidades de pesquisa e construção coletiva de saberes, algo bem freiriano, não tão novo, mas muitas vezes difícil de aprender.

Keu Apoema

Mestre em Educação e Professora PQLP/CAPES

Email: keu@apoema.art.br